

Igreja, Homeopatia, Saúde: O Olhar de João Pedro Gay no Rio Grande do Sul no Século XIX

Beatriz Teixeira Weber*

Resumo

A documentação existente sobre homeopatia no Brasil é muito diversificada, apesar das dificuldades de acesso que ainda temos, porque se encontra muito dispersa. Uma das preciosidades encontradas sobre o Rio Grande do Sul trata-se de um acervo existente no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com registros pessoais do padre João Pedro Gay. Ele atuou em Alegrete e Uruguaiana de 1848 a 1891 como sacerdote secular. Uma das inúmeras atividades que exerceu como intelectual arguto e bem informado foi o exercício da homeopatia no interior do Rio Grande do Sul. No desenvolvimento dessa atividade, trocou correspondência regular com o Instituto Hahnemanniano do Brasil, na qual descreve as condições de vida e saúde na região e justifica porque se sentia comprometido com aquela prática. Este artigo procura traçar um panorama da trajetória do Padre Gay como “homeopata” no interior do Rio Grande do Sul, constituindo uma proposta de como deveria ser organizada a saúde no interior do Brasil.

Palavras chave: história da homeopatia, práticas de cura, Rio Grande do Sul

Abstract

The existing documentation on homeopathy Brazil is really varied, in spite of our difficulty in having access to it, once it is too dispersed. One of the treasures found about Rio Grande do Sul is regarding Priest João Pedro Gay's trajectory. His activity in this field was in the cities of Alegrete and Uruguaiana from 1848 to 1891 as a secular clergyman. One of the many activities he accomplished as a sharp and well-informed intellectual was the practice of homeopathy in the interior of Rio Grande do Sul. While developing this activity, he regularly exchanged letters with the “Instituto Hahnemanniano do Brasil”. In these letters he describes life and health conditions in the region and justifies why he felt involved with that practice. This article aims at outlining a quick view of Priest Gay as a “homeopath” in the interior of Rio Grande do Sul, composing a proposal about how would be organized the health in the interior of Brazil.

No Rio Grande do Sul, a referência mais antiga relacionada à difusão da homeopatia é dada por uma notícia de que os professores formados pela Escola Homeopática do Brasil, fundada no Rio de Janeiro em 1845, realizaram a propaganda da homeopatia no estado desde 1847. Os professores Edmundo Tberghien Ackerman, Joaquim Gonçalves Gomide e padre João Pedro Gay, além de Dionysio de Oliveira Silveiro, diplomado pela Universidade de Coimbra teriam recebido uma “boa recepção”¹.

Só encontramos referências esparsas sobre os demais, mas João Pedro Gay possui seu acervo documental preservado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, constando

* Departamento de História – UFSM – Projeto financiado pelo CNPq.

¹ <http://www.dichostoriausaude.coc.fiocruz.br>, em 13/1/2005.

registros pessoais diversos, rascunhos do que estava estudando, sermões, dentre uma grande variedade de material. João Pedro Gay atuou em Alegrete e Uruguaiana como sacerdote secular de 1848 a 1891. Uma das inúmeras atividades que exerceu como intelectual arguto e bem informado foi o exercício da homeopatia no interior do Rio Grande do Sul. No desenvolvimento dessa atividade, trocou correspondência com a Escola Homeopática do Brasil, na qual descreve as condições de vida e saúde na região e justificava porque se sentia comprometido com aquela prática.

João Pedro Gay tinha uma visão bastante clara do seu papel como sacerdote:

“É do dever dos Párocos, os quais Ela (a Igreja) nas freguesias de tratar com zelo de interesses dos cristãos, seus filhos queridos; e para preencher cabalmente os designios da autoridade que os mandou, eles devem promover todos os amacliamentos(?) que reclamão a religião e a humanidade. É por este motivo que para corresponder a confiança que o Prelado que governa a Igreja Fluminense fez na mim, quando me incumbiu da Vigarario desta vila, e para cumprir meu dever para com os povos que apesar de minha indig. sou encarregado de guiar no caminho da salvação e conduzi-lo pela vereda da Religião, venho agora apresentar a Ilma Câmara Municipal desta vila uma humilde representação. A causa que venho advogar não é só a minha causa é a causa de Vas. Sras. A causa de todos os habitantes desta vila, a causa da humanidade e da religião; não devo pois temer de não ser ouvido com Benevolência, mas bem de faltar com demasiada franqueza, promove assim acontecer, os nobres sentimentos de Vas. Sras hão de suprir o que falta às minhas palavras, e tenho a esperança que elas não serão ditas em vão.”²

O pedido de Gay, utilizando uma retórica bastante refinada em três páginas, historiando os costumes de sepultamento desde os gregos e romanos, é por um novo cemitério para a vila de Alegrete, onde assumiu em 02 de julho de 1848. Alegrete teve sua paróquia criada em 30 de abril de 1846, e o padre Antônio Gomes do Vale foi seu primeiro pároco, logo depois tendo assumido Pe. Gay (RUPERT, 1998: 80). Ele estava tomando as primeiras providências na organização da paróquia, entendendo que o arranjo do cemitério era imperioso. Ele descreve que o cemitério estaria em um terreno inadequado, cheio de águas e de pedra, o que faria com que os corpos pudessem ser cobertos apenas com alguns palmos de terra, exalando um cheiro pestífero pelos moradores mais próximos, além de misturar ossos e cinzas dos parentes e amigos enterrados no lugar. Pede uma subscrição à Câmara Municipal para a construção de um novo cemitério em lugar mais “convenientemente salubre”³. A rebuscada argumentação utilizada pelo padre revela uma formação bastante erudita, pois reconstituía a história da igreja e os costumes de gregos e romanos para justificar seu pedido,

² Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 23 set 1848. IHGB. É um conjunto manuscrito de rascunhos, sem numeração de páginas. O trecho é da primeira folha. Optou-se por atualizar a ortografia, para facilitar a leitura.

³ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 23 set 1848. IHGB.

além de argumentar da precariedade das condições existentes e da necessidade, profusamente defendida, da defesa da proposta que estava fazendo. Ele se incumbia do papel de um pároco com responsabilidades sociais bem definidas na defesa do rebanho de Deus, função que entendia ser estendida até para pedir medidas aos responsáveis pelas obras públicas do município, como ele mesmo defende. Em ofício ao Presidente da Província do dia 12 de setembro de 1848, ao mandar os mapas estatísticos da população da província, aproveitou para fazer uma observação a respeito dos óbitos, que seriam em pouco número, pois em quase todas as fazendas do município haveria cemitérios particulares onde sepultariam os defuntos sem dar parte aos vigários nem a autoridade nenhuma, e o mesmo aconteceria na vila de Alegrete, porque o cemitério estava aberto e, quando bom parecia, qualquer indivíduo ia cavar uma cova para sepultar um defunto sem nada participar⁴. Ele entendia que sua obrigação como pároco estendia-se em notificar às autoridades competentes as irregularidades a que se encontravam submetidos os municípios, para que as autoridades fizessem o que lhes parecesse melhor.

Mas quem era esse pároco letrado que chega a Alegrete com tantos conhecimentos e imbuído de tantas obrigações?

João Pedro Gay nasceu na diocese de Gap, na França, em cujo seminário estudou, em 20 de novembro de 1815. Foi ordenado presbítero em 1840, foi vigário em Cherina, emigrando para o Brasil em 1842. Algumas referências indicam que ele foi para Montevideo em 1842, para estabelecer uma igreja para súditos franceses, mas que o estado de sítio de 1844 o trouxe para o Rio de Janeiro (Ficha técnica de Arquivos e Coleções particulares. IHGB. BLAKE, 1898: 19-20). Exerceu ministério no Rio de Janeiro, como cônego honorário da Capela Imperial, e também foi professor de francês e matemática em escolas, e professor no Instituto Homeopático. Em 1843, aceitou a provisão da Paróquia de Santa Ana da Vila Nova de Laguna, em Santa Catarina. Em 1848 foi para Alegrete como pároco, onde ficou até 31 de março de 1849. Fazendo concurso para a Paróquia de São Borja, foi aprovado e apresentado pároco colado a 25 de outubro de 1849, com colação a 07 de novembro seguinte, administrando também a Paróquia de São Luiz Gonzaga de 1862 a 1872. Ele foi transferido para Uruguiana em 1874, onde atuou até 1891, quando faleceu em 15 de maio em consequência de um desastre ferroviário (RUPERT, 1998: 80, 88, 90, 124; RUPERT, 2005: 285-286).

⁴ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 12 set 1848. A organização dos ofícios não está em ordem de data. IHGB.

Era um sacerdote muito ilustrado, dedicando-se ao estudo da língua guarani e à história das missões jesuíticas, compondo várias obras. O livro “História da República do Paraguai”, editado em 1863, lhe valeu o diploma de sócio correspondente do IHGB. Também foi oficial da Ordem da Rosa, cavaleiro da Ordem de Cristo e condecorado com a medalha comemorativa da rendição de Uruguaiana⁵. Boa parte da documentação do padre Gay no IHGB não parece ter sido pesquisada, constando de um total de 412 pastas de material.

E o que era Alegrete e São Borja, onde ele foi atuar nesse momento?

A mais densa ocupação portuguesa da região oeste do Rio Grande do Sul ocorreu na primeira metade do século XIX, consolidando a atividade pecuária. Alegrete foi fundada como povoação em 1817, tornando-se município em 1831, desmembrando-se do anterior município de Cachoeira. Durante a Revolução Farroupilha, foi a terceira sede do governo, em 1841. Era um município que contava, segundo os dados existentes, com uma população de 10.699 habitantes no ano de 1859, sendo 2.525 escravos. O povoado possuía uma praça, uma igreja, casas de estancieiros que tinham fazendas na região. A vila comportava um núcleo de artífices e comerciantes, mas a maioria da população estava envolvida em atividades eminentemente agrárias. Alegrete foi o principal município da Campanha, região sudoeste do Rio Grande do Sul, junto à fronteira do Brasil com o Uruguai (os demais municípios que compunham essa região eram Bagé, Uruguaiana e São Gabriel). Apresentava uma sociedade bastante complexa, como os novos estudos historiográficos têm demonstrado, tendo a produção pecuária extensiva um papel muito importante, mas não era a única atividade desenvolvida, contando também com uma larga base de pequenos e médios produtores (FARINATTI, 2007).

São Borja era uma área ocupada desde 1682, quando foi fundada a primeira colônia jesuíta na margem esquerda do Rio Uruguai, sendo um aldeamento que pertencia à São Tomé. Era São Francisco de Borja, que abrigou os guaranis catequizados pela Companhia de Jesus. Em 1687, com a volta de habitantes de outras reduções, o povoado tornou-se autônomo, parte dos Sete Povos das Missões Orientais no Uruguai. De 1687 é também a capela. Tornou-se vila e sede do município em 1833, instalado em 1834. Em 1846, a capela curada de São Francisco de Borja foi elevada à freguesia, com 5 distritos. De 1849 é a criação da capela com a invocação de Nossa Senhora da Conceição de São Borja, na povoação de São Borja, junto ao Rio Uruguai, para onde Padre Gay foi designado. São Borja era um pequeno povoado do antigo campo missioneiro, que contava com muitos indígenas. Possuía campos para a pecuária de pior qualidade, havendo mais atividades vinculadas à agricultura. Parte do

⁵ Além das já citadas, VILLAS-BOAS, 1974: 212.

município era de mato, na região que ia de São Francisco de Assis a Santa Maria. Com o desmembramento de Uruguaiana, em 1852, passou a ter uma menor atividade comercial, que ficou concentrada no outro município (FORTES, WAGNER, 1963: 376-377; FARINATTI, 2007).

No contexto de atividades agro-pastoris, disputas administrativas, conformação de municípios, ocupação territorial e guerras constantes é que Padre Gay instalou-se numa região que estava sendo formada. Nesse processo, Padre Gay participou ativamente, oferecendo sugestões de como administrar a província e organizar as atividades que estavam sendo desenvolvidas, mas também sugerindo outras possibilidades. Numa referência feita a sua preocupação de como manter a zona fronteira junto à Argentina, no Alto Uruguai, chegou a dirigir uma correspondência ao governo imperial, em 1850, recomendando explorar a região com o estabelecimento do “sertanejo”. Segundo o trabalho de Maria Luiza Martini, o vice-presidente da província teria respondido ao Padre Gay e à Câmara de Cruz Alta, em 1856, com a proposta de ocupar efetivamente a região, ora com a idéia de colônias militares nas regiões incertas, do coronel Luiz Osório, ora com a abertura de picadas (MARTINI, 2006: 177). Ou seja, Padre Gay participou das discussões de como executar e manter o projeto português de ocupação territorial, contribuindo regularmente.

Em carta ao Bispo de 13 de outubro de 1848, ele afirma que tudo falta nas freguesias da fronteira: as Igrejas estão em ruínas, não há paramentos nelas, os cemitérios são campo abertos, não se celebram festas, a disciplina eclesiástica está em abandono e precisaria de muita atividade e de muita paciência, de muita virtude e prudência para poder reanimar essa região⁶. A vila de São Borja possuía 911 casas com 2001 habitantes, e a freguesia possuía 1669 casas com 11.718 habitantes, segundo o recenseamento de 1854⁷. Já instalado em São Borja, explicava a necessidade de cultos externos para o Presidente da Província, para solicitar ajuda para a conclusão da igreja, que se achava iniciada. A falta de uma igreja se fazia ainda mais perniciososa num município cuja maior parte da população seria indígena e descendentes destes rudes, civilizados por jesuítas. Para eles seria necessário muita pompa exterior, muitas festas para instruí-los⁸.

Nesse contexto, padre Gay entende ter um dever ainda maior, de utilizar uma nova prática, que aprendeu no Rio de Janeiro, para tratar essa pobre gente rude. Em outubro de 1859, solicitou autorização ao seu Bispo, pelo que parece:

⁶ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 13 out 1848. IHGB.

⁷ Lata 404. Pasta 16. Protesto contra o abandono de São Borja pelas autoridades responsáveis. 1855. IHGB.

⁸ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 03 mai. 1850. IHGB.

“O P. J. P. G. Vig. De S. F. de B. tem a honra de humilde expor à V. C. Rna. Q. no exercício de vig. nas várias igrejas em q. agora se dignou encomendar (... ilegível), aonde tem visto ora a triste posição de descontentar seu (sic) paroquianos por não poder lhes indicar remédios para se curar de suas moléstias, pelo motivo que o suppe. Não tem bastante conhecimento da medicina alopática para remediar, nem estando autorizado para isso, (...) seu coração nunca deixou de ser transpassado de dor quando viu tantas vezes enfermos (...) socorro da medicina ou levados mais depressa a sepultura por remédios violentos administrados por curiosos e curandeiros. Não teria tido a alma etnista (sic) e a caridade (...) se não tivesse sentido vivamente estas desgraças, se não tivesse tido uma idéia de me por no estado de algm. Alívio por tantas misérias. E por isso que quando aqui a esta corte, dantes de fazer concurso para (alpharay ?) tratei de me habilitar para poder socorrer aqueles dos meus paroquianos que me pedissem remédios e estudei a homeopatia debaixo da direção do prof. (...) Sendo agora (...) S. Fco. De Borja que uma extensão catino (?) e cujos habitantes falta freqüentemente dos socorros da medicina Venho pedir a V. Gdm. Q. se digne me autorizar a exercer ahomeopatia do exercício do qual me acho habilitado. (...) não se serve para restabelecer a saúde dos enf(...) (...) sem do fogo, não derrama sangue em (...). Tenho a dou confiança de que V. Exma não é proibido aos cléricos como foi declarado por Bruna (?) do Exmo. Br. Nunca S. S. de 11 de junho de 1849 em resposta ao sr. Casa e Vigário do Carmo em Montevidéo, se dignarão me outorgar a graça que imploro e da qual hei de fazer uso só perto (...) da humanidade, procurando aliviar as enfermidades dos meus paroquianos com a caridade e o desvelo que (...) ter em parochu. Tenho ainda que acrescentar (...) a esperança que assim poderia mais contribuir para o bem espiritual dos meus paroquianos pois terei (...) ocasião de administrar os socorros (...). Religião à mtos d’ eles porque de eles não (...) algm. Alívio corporal, eu não teria o (...) socorro espiritual.”⁹

Esse conjunto documental também possui Notas sobre a indicação de Aun, Arnica Montana, Arsenicum Allum, Belladonna atropa, Bryonia allá, Chamomilla vulgaris, Mercurius vírus, Nux-vomica, todas em português, e anotações em francês do uso de Choès, accouchments, Acides. Apesar da precariedade do estado do documento, deixa claro a preocupação do pároco com o atendimento por meio de uma outra possibilidade médica, menos violenta, que não usa do fogo nem derrama sangue. Ele procurou habilitar-se para o exercício do socorro dos paroquianos que precisassem de homeopatia antes de fazer o concurso que o instalou em São Francisco de Borja. Sua preocupação com o socorro aos enfermos é, portanto, anterior as necessidades de socorro e caridade na localidade, mas faz parte de sua visão como sacerdote, que deve caridoso e otimista.

A autorização deve ter gerado algum desconforto, pois há uma resposta do padre Gay ao bispo José Simeão de Oliveira, em que pede perdão ao bispo por ter confiado ao sr. João Vicente Martins sobre a licença que o bispo teria dado¹⁰. Não consta toda a correspondência do padre Gay, pois não foi encontrada a carta em que ele teria dito a Vicente

⁹ Lata 404. Documento 11. Pedido de autorização para exercer, na paróquia de São Francisco de Borja onde é vigário, a medicina homeopática que alega ter estudado; notas sobre med. homeopática. 1849. IHGB. A documentação encontra-se em péssimo estado, os trechos entre parênteses são ilegíveis. Procurei atualizar a ortografia, mas não as abreviações.

¹⁰ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58.24 mai. 1851. IHGB.

Martins que o bispo o teria autorizado. A única correspondência encontrada foi de 1 de julho de 1851, portanto, posterior a correspondência com o bispo, dirigida a João Vicente Martins como primeiro secretário presidente da Escola Homeopática do Brasil, em que não há nenhuma menção a um incidente anterior. O teor da correspondência merece ser reproduzido:

“Muito folgo do triunfo que obtive a homeopatia durante a epidemia do ano passado e dou os parabéns a V. As. a quem são devidas quase todas(sic) os benefícios que a humanidade tem recolhido da medicina salvadora. Permita-me também V. Sra. De lhe dar os louvores que merece por seu zelo incansável a (...) a ciência Benfazeja. Bem quisera eu poder pagar lho o meu tributo, mas ele é tão pequeno que é só uma gota no oceano de Maravilhas com que ela vem brindando a humanidade padecente. Durante uma epidemia de bexigas que reinou nesta vila dei preservativo homeopático a 80 pessoas pela mor parte crianças. Destes 4 livasão(?) as bexigas porém um e benignas só tiverão sete ou oito frustidos (?). Tratei também indivíduos já infectados de bexigas naturais e outros artificiais e fui sume. Feliz, pois seaparão(?) todos. Até agora tenho tido vários enfermos mais me tem acontecido algumas vezes (...) os doentes por não quererem guardar a dieta e (...) nova dose. Tratei três casos de Flynterismo, e as doentes estão boas. No mês de março chegarão aqui o 5 bat de fuzileiros e vários oficiais trouxerão boticas homeopáticas administrando os glóbulos a torto e direito. Tenho feito umas experiências pura como mandão os novos estatudos. Falta me fazer a descrição da planta indigendo (?) Paraguai. Espero lhe remeter breve o resultado de minhas observações.”¹¹

Os temas abordados são variados. O uso da homeopatia parece estar bastante difundido através de conjuntos homeopáticos que são vendidos em farmácias do Rio de Janeiro e que também podem ser adquiridos através de pedidos pelo correio, pois são divulgados em vários jornais da época, com os principais medicamentos que fazem parte da proposta, juntamente com manuais para a sua utilização. Padre Gay indica desconforto sobre essa proposta de difusão da homeopatia sem uma formação específica que os habilitasse. Bexigas, na época, podem ser relacionadas com doenças de pele em geral. Contudo, aparentemente houve uma epidemia na localidade que evidencia alguma doença específica, que mereceria ser melhor especulada, assim como o significado de flynterismo. A proposta sistematizada pela Escola Homeopática do Brasil procurava estimular que os indivíduos devidamente formados pela homeopatia deveriam pesquisar novas substâncias no Brasil para servirem como novos medicamentos. Essas pesquisas deveriam ser realizadas nos próprios indivíduos sãos, para determinar ao que se destinava, segundo os princípios homeopáticos de que a substância pura poderia criar a sua cura. Essas eram as “experiências”, que vários homeopatas no país procuravam desenvolver e divulgar as informações à Escola. Padre Gay,

¹¹ Lata 406. Documento 24. Livro manuscrito: rascunho sobre a administração dirigidas de Alegrete e São Borja. 1848-58. 1 jul 1851. IHGB.

portanto, parece perfeitamente integrado nessa proposta, provavelmente testando plantas encontradas na região.

Essas são algumas das várias possibilidades de reflexão que merecem maior aprofundamento e que o material abre portas para serem pesquisadas.

Bibliografia:

- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. Diccionario Bibliographico Brasileiro. 4º. Vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.
- FARINATTI, Luis Augusto Ebling. Confins Meridionais: famílias de elite e sociedade agrária na Fronteira Sul do Brasil (1825-1865). Rio de Janeiro: Tese de Doutorado/Programa de Pós-graduação em História Social/IFCSH/UFRJ, 2007.
- Ficha técnica de Arquivos e Coleções particulares. IHGB.
- FORTES, Amir Borges, WAGNER, João Baptista Santiago. História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: s. ed., 1963.
- MARTINI, Maria Luiza. “Tatu, Caboclo, Gaúcho a Pé” In: História Geral do Rio Grande do Sul Volume 2. Império. Passo Fundo: Méritos, 2006, pp. 155-185.
- RUBERT, Arlindo. História da Igreja no Rio Grande do Sul. Vol. II. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- RUPERT, Arlindo. O Antigo Clero diocesano do Rio Grande do Sul (1737-1910). Santa Maria: Pallotti, 2005.
- VILLAS-BOAS, Pedro. Notas de Bibliografia Sul-Rio-Grandense. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1974.